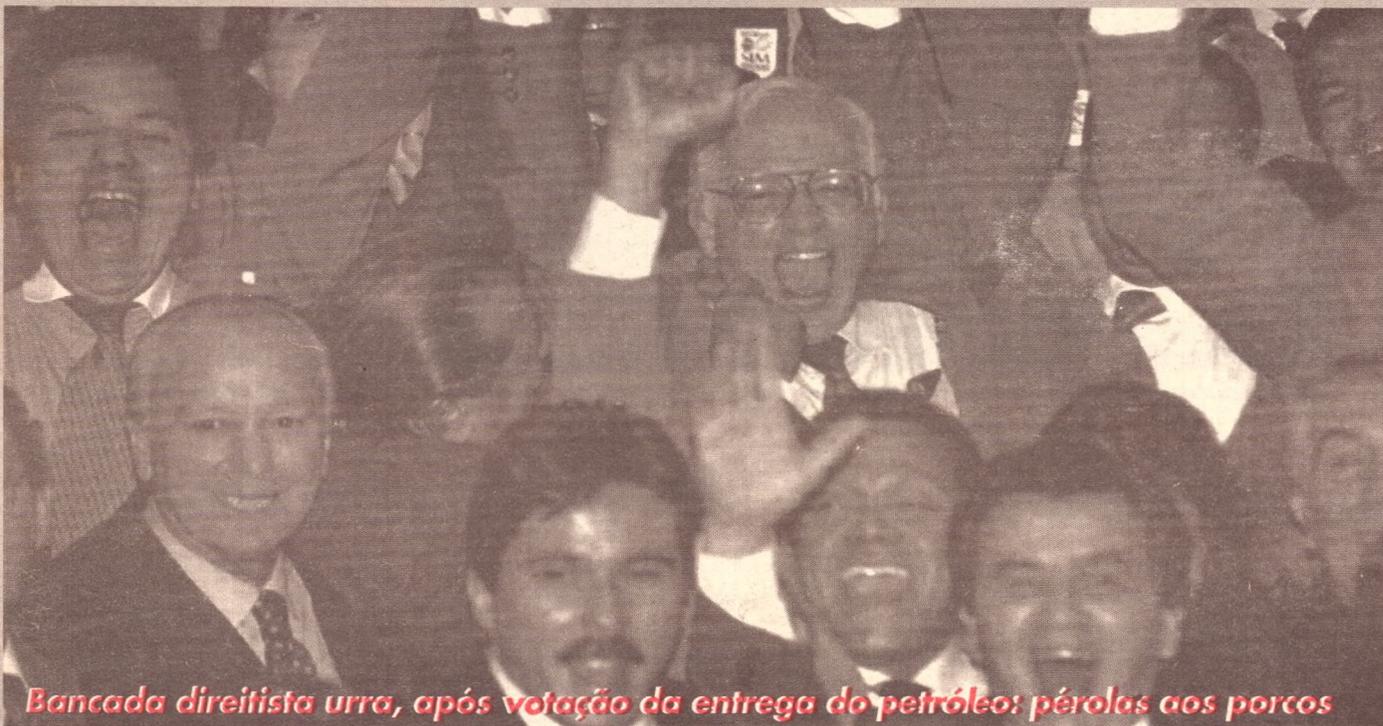


*Apoiado nas forças mais retrógradas, em operações militares e numa enxurrada de favores fisiológicos, o governo FHC enfrentou a greve dos petroleiros e aprovou em primeiro turno a entrega do petróleo aos capitais privados. Brasil Agora discute: o avanço da direita é consistente? A esquerda está preparada para enfrentar o neoliberalismo?*

# BRASIL AGORA

10 A 23 DE JUNHO DE 1995  
Nº 69 — R\$ 2,50

## O BRASIL DELES



SÉRGIO LIMA/FOLHA IMAGEM

**Bancada direitista urra, após votação da entrega do petróleo: pérolas aos porcos**

### OPINIÃO

*É preciso construir uma nova vanguarda social, diz o editorial*

Pág. 3

### GREVE

*Nossas repórteres viram por dentro a paralisação que sacudiu o país*

Págs. 6 e 7

## E O NOSSO



JUCA VARELLA/FOLHA IMAGEM

**A greve chega ao fim, mas os petroleiros não se rendem: voltaremos**

### POLÊMICA

*Ricardo Antunes diz, em entrevista: "A CUT está em xeque"*

Págs. 4 e 5

### MUNDO

*Igor Fuser adverte: FHC segue a manada dos "novos caudilhos"*

Pág. 6

### CULTURA

*O escritor Sílvio Fiorani dissecou o livro de Darcy Ribeiro*

Págs. 10 e 11



Com novo formato, o Boletim Nacional volta para cumprir uma função: apresentar, regularmente, as principais decisões da direção do Partido dos Trabalhadores a um público mais amplo. Órgão da Comissão Executiva Nacional do PT, o BN garante assim oferecer a informação correta que tantas vezes aparece fragmentada, quando não distorcida, na chamada grande imprensa. Por isso é um auxílio para a expressão própria, independente, do PT. Inserido no Brasil Agora, o BN não se confunde com este jornal.

Markus Sokol Secretário de Comunicação da CEN-PT

## PT FAZ SEMINÁRIO DE COMUNICAÇÃO

Iniciar um debate nacional sobre a criação de uma Rede Pública de Comunicação — a partir dos governos administrados pelo PT — e garantir a existência de uma imprensa independente que contribua para a formação política e para o fortalecimento do partido foram algumas das propostas apresentadas durante o II Seminário Nacional de Comunicação do PT, realizado nos dias 12, 13 e 14 de maio, em São Paulo.

A discussão sobre canais próprios de comunicação se deu no debate de abertura do seminário O Monopólio dos Meios de Comunicação no Brasil. A formação de uma rede pública, por exemplo, pode ser apoiada nas posições que as forças democráticas conquistaram em governos estaduais e prefeituras.



II Seminário Nacional de Comunicação: em debate, o monopólio dos meios de comunicação

Para trabalhar com os vários níveis de assessoria de imprensa do PT, a idéia é concentrar esforços para a construção de uma agência de notícias. Sobre a revista "Teoria & Debate", os participantes do Seminário sugeriram sua nacionalização e bimestralização. Atualmente, a periodicidade é trimestral e a responsabilidade de sua publicação é do Diretório Regional do PT de São Paulo.

Foi formada, ao final do Seminário, uma Comissão para levar ao 10º Encontro Nacional do PT um documento contendo propostas de comunicação para a próxima gestão. Essa Comissão articula uma reunião com trabalhadores do partido na área e secretários estaduais de comunicação, para o dia 17 de agosto, véspera do Encontro Nacional, em Vitória (ES).

### A polêmica da previdência

Na reunião de 20 e 21 de maio o Diretório Nacional do PT discutiu a questão da Previdência e a emenda apresentada pelo deputado federal Eduardo Jorge (PT-SP).

Três deputados federais (Eduardo Jorge, José Pimentel e Arlindo Chinaglia) expuseram ao DN a proposta da bancada. Ela estabelece que as novas normas da Previdência valerão apenas para os que ingressarem no mercado de trabalho após a promulgação da lei — até lá valem as regras atuais. Resgatando o conceito de seguridade que consta da Constituição, institui um regime básico universal, com piso e teto de contribuição e benefícios.

Após examinar as propostas sistematizadas pelos deputados, o DN aprovou os seguintes itens: a) manter a vinculação entre o valor real dos benefícios e o salário mínimo; b) propor a gestão quadripartite da Previdência (Empregados, Empregadores, Governo e Aposentados); c) criar o Ministério da Seguridade Soci-

al, com secretarias para a Saúde, a Previdência e a Assistência Social; d) manter a aposentadoria por tempo de serviço (máximo de 35 anos para homens e 30 para mulheres) e unificar o limite de 60 anos para a aposentadoria por idade (com exceção da trabalhadora rural aos 55 anos); e) criar o sistema básico universal com o teto de, no mínimo, 10 salários mínimos — estabelecer por leis complementares os regimes especiais de aposentadoria, que terão como critério as atividades que ofereçam risco à saúde e situações em que danos físicos ou psíquicos tenham sido causados por prepostos do Estado; f) manter as regras atuais de aposentadoria especial para professores.

O deputado Eduardo Jorge declarou ao DN que apoiará e defenderá a proposta do partido, de forma prioritária, mas acrescentou que não retirará formalmente a emenda de sua autoria, já que, segundo ele, o regimento da Câmara dos Deputados não permite.

### PT prepara Encontros

Fazer forte oposição ao governo FHC é a difícil tarefa do Partido dos Trabalhadores este ano.

Nesse sentido, tornam-se ainda mais importantes as discussões que o partido travará em junho e julho, nos encontros que definirão sua política. Os Encontros Municipais, Zonais e de núcleos serão realizados entre os dias 10 e 18 deste mês. Algumas capitais terão até o dia 15 de julho para realizar seus encontros. Os Encontros Estaduais serão realizados nos três últimos finais de semana de julho. Os encontros setoriais estaduais devem ocorrer até o dia 25 de junho e os setoriais nacionais tem prazo até 10 de agosto.

É importante lembrar que só terá direito a participar dos encontros quem estiver afiliado. A reafiliação pode ser feita no próprio dia do encontro de base. Vale registrar, ainda, que a campanha de filiação prossegue até o final do ano.

**10º ENPT.** A conjuntura política nacional, as reformas constitucionais e a es-

tratégia de intervenção do PT, bem como os desafios de construção do partido e seu estatuto estão na pauta do 10º Encontro Nacional do PT, marcado para os dias 18, 19 e 20 de agosto. Dedicado à luta do movimento negro por ocasião dos 300 anos de Zumbi, o 10º ENPT acontecerá em Vitória (ES), no Hotel Alice (Praça Getúlio Vargas, 5 — Centro). O credenciamento dos delegados será aberto na quinta-feira, dia 17, às 16 horas.

O Diretório Nacional aprovou a publicação de apenas um caderno de teses e os textos devem ser enviados para a sede do DN até o dia 20 de junho. A publicação dos textos obedece os seguintes critérios: documentos de instâncias partidárias de caráter nacional; de tendências regulamentadas; de autoria de filiados que tenham um mínimo de 50 assinaturas de filiados de três estados. Os textos devem obedecer o limite de 20 laudas (28 mil toques); entregues em disquete acompanhado de cópia impressa.

## A "DEMOCRACIA RADICAL" E O DIRETÓRIO NACIONAL

A reunião do Diretório Nacional do PT realizada nos dias 20 e 21 de maio discutiu, entre outros pontos, a questão da tendência interna "Democracia Radical", devido a posições tomadas por alguns parlamentares da tendência na apresentação de emendas e defesas de propostas que contrariavam as orientações do partido.

A apresentação de uma emenda à Constituição formulada por Eduardo Jorge (PT/SP) — na qual era defendido o fim das aposentadorias por tempo de

serviço e especiais (ver matéria acima) — aliada a declarações de que alguns membros da bancada petista e parlamentares de outros partidos, como Roberto Freire (PPS), estariam formando o "bloco das esquerdas light", fizeram com que a CEN convocasse os deputados José Genoíno e Eduardo Jorge para esclarecerem suas posições — os dois apareceram como porta-vozes das declarações feitas na imprensa. A Executiva Nacional registrou do companheiro José Genoíno que não existe nenhum "blo-

co formal articulado" com a denominação referida.

O secretário de Meio Ambiente da CEN, Augusto de Franco, não compareceu à reunião e renunciou através de uma carta, na qual justificava sua decisão de assumir o cargo de conselheiro num programa proposto por um governo ao qual o PT já havia declarado oposição. A saída de Augusto de Franco da CEN levantou a discussão sobre quem assumiria a Secretaria. A senadora Marina Silva (PT/AC) declarou-se disposta.

A decisão de Augusto de Franco de participar do Conselho do Programa Comunidade Solidária — não discutida em nenhuma instância partidária — será avaliada na próxima reunião do DN, nos dias 1º e 2 de julho. As vagas deixadas por Lucia Carvalho e Augusto de Franco foram preenchidas por Ozéas Duarte (integrante do Diretório Nacional desde o 7º Encontro) e Lygia Puppato (vereadora em Londrina-PR), de acordo com a indicação da "Democracia Radical".



São Paulo, 26 de maio de 1995.  
Companheiros

Acostumado com a antiga chatice do Brasil Agora, tive uma grata surpresa ao conferir o número 68. O jornal está excelente, muito bom mesmo! Matérias inteligentes, informativas, que travam a batalha das idéias contra a imprensa de direita através de fatos e argumentos bem alinhavados, sem panfletarismo. Comecei a ler e, de repente, estava recortando todos os artigos para guardar. Como não dá para recortar os dois lados do papel ao mesmo tempo, acho que terei de fazer uma assinatura adicional.

Vocês todos estão de parabéns. O Brasil Agora renasceu das cinzas e parece ter encontrado, finalmente, sua personalidade (e utilidade). Agora só falta uma coisa (sei que é muito difícil): uma ofensiva de propaganda e vendas que tire o jornal da clandestinidade e o coloque ao alcance dos milhões de brasileiros que necessitam, urgentemente, de uma publicação assim. Se a esquerda brasileira investisse uma pequena fração do que gasta em campanhas sindicais (frequentemente contra outras frações também de esquerda) e eleitorais para construir sua própria imprensa, creio que essa meta se tornaria um pouco menos utópica.

Abraços, Igor Fuser  
jornalista da Veja - S. P.

São Gonçalo, 24 de maio de 1994.

Prezado Editor  
Recebi os números 66, 67 e 68 do nosso jornal Brasil Agora. Fiquei sabendo, pois desde o final das eleições do ano passado não sabia, em que pé estavam as avaliações de conjuntura e orientações do PT.

Eu concordo plenamente com as opiniões do Lula, na entrevista do 67, sobre a centralidade de um jornal popular e crítico, tanto para os petistas quanto para um bom diálogo com a sociedade brasileira. Mas o Brasil Agora precisa melhorar em dois aspectos: 1) jornal está caro, o que dificulta o acesso das massas trabalhadoras; penso que R\$ 1,00 será um preço razoável. 2) É necessário um espaço para os petistas e simpatizantes colocarem seu ponto de vista, a fim de que haja uma relação dialética entre editor e leitores. O jornal deve voltar a ter, portanto, a seção de cartas dos leitores. Sugiro, também, um espaço regular para os teóricos e filósofos marxistas e dirigentes inteligentes, a fim de que eles possam refletir sobre os mais variados temas ideológicos atuais. Em particular, tais discussões deveriam ter como objetivo neutralizar as idéias conservadoras e oportunistas que vicejam atualmente e, de outro lado, trabalhar pela continuidade da renovação socialista e, dialeticamente, pela superação de certa "desorientação" que corre solta na militância de esquerda.

Contando com a atenção dos responsáveis para estas opiniões, eu desejo vida longa para o Brasil Agora.

Marcelo B. Fernandes - R. J.

## EDITORIAL

# DITADURA DO CAPITAL E NOVA VANGUARDA SOCIAL

## Governo FHC x petroleiros

A quebra do monopólio do Petróleo pelo Congresso Nacional no dia 07 de junho de 1995 sinaliza para o conjunto da humanidade uma significativa vitória política da burguesia no Brasil.

Seja porque as forças conservadoras conseguiram aprovar o projeto símbolo do neoliberalismo, seja pela fragilidade com que as forças populares enfrentaram as reformas econômicas do governo nos últimos meses. Mas, sobretudo, porque mostrou de maneira clara como a correlação de forças de classe na sociedade brasileira favorece hoje as classes dominantes e a implantação do seu projeto neoliberal.

Essa é a principal lição que nos fornece uma avaliação política da situação nacional, nesses cinco meses de governo FHC.

Exatamente dez anos depois do fim do regime militar, uma nova forma de ditadura do capital vai sendo progressivamente imposta ao povo brasileiro. Bem mais sutil e original, porque no lugar da farda verde oliva e do quepe de campanha, ostenta o canudo do sociólogo e se apresenta travestida de democracia, com Presidente eleito, Congresso Nacional e Supremo Tribunal, tudo funcionando em perfeita harmonia, na mais intransigente defesa dos interesses das elites econômicas. A mão-de-ferro da censura à imprensa foi substituída com requintada mestria pela ditadura dos grandes veículos de comunicação de massa, que participam do bacanal autoritário com que o conjunto das classes dominantes e o seu governo amordaçam a proposta democrático-popular e protesto político dos de baixo.

Essa nova ordem que comanda a aplicação do projeto neoliberal articula o Palácio do Planalto, o Congresso Nacional (depois que FHC formou sua maioria parlamentar adotando o fisiologismo do é dando que se recebe) o chamado Poder Judiciário, a grande imprensa, as grandes corporações empresariais e o alto comando das forças armadas. Esse é o estado maior da burguesia, responsável pela descarada ofensiva política, ideológica e social do neoliberalismo que provoca a desnacionalização do país, o desmonte dos direitos sociais dos trabalhadores, o aumento da desigualdade da fome e da miséria.

Dentro do quadro de fragilidade da oposição democrático-popular surge um exemplo de resistência e de enfrentamento dessa nova ordem do capital. Um exemplo que precisa ser analisado e que pode servir de base para a elaboração de uma nova política, capaz de superar a postura recuada com que as forças de esquerda tem enfrentado as diretrizes do governo.

**A MÃO-DE-FERRO  
DA CENSURA  
À IMPRENSA FOI  
SUBSTITUÍDA  
PELA DITADURA  
DOS GRANDES  
VEÍCULOS DE  
COMUNICAÇÃO**

Durante trinta dias os petroleiros sustentaram uma heróica greve submetida a maior demonstração de força que o Estado burguês já colocou em movimento nos últimos anos. Durante trinta dias a sociedade brasileira conheceu um exemplo de combatividade, solidariedade e organização de uma categoria de ponta da classe operária em luta. Uma amostra da vanguarda social que as classes trabalhadoras precisam construir, para derrotar o neoliberalismo e o seu "estado de direito". Com as refinarias ocupadas pelo Exército; pressionados pela decisão do TST que declarou a ilegalidade da greve, pelas demissões e pelo corte dos salários, submetidas ao bombardeio de propaganda de toda a mídia brasileira que funcionou como assessoria de imprensa de um poder ditatorial, desqualificando o movimento grevista, jogando-o contra a população, deformando o noticiário dos fatos através de uma verdadeira guerra de informações e contra-informações, os petroleiros deram uma magnífica demonstração de capacidade de luta e dignidade de classe para o conjunto dos trabalhadores brasileiros.

Convidamos aqueles companheiros da esquerda que se atemorizaram com o nível de radicalização do movimento e com o grau de retaliação que poderia ser utilizado pelo governo, bem como aqueles que estavam sinceramen-

te preocupados com o completo isolamento da greve, pela crescente falta de combustível e gás de cozinha, e que defenderam o recuo imediato para minimizar o desgaste do movimento e das próprias forças de oposição à FHC, a fazerem uma reflexão mais profunda sobre a justiça de suas posições. Principalmente depois de sabermos que, apesar de todo o cerco da imprensa para isolar a greve, o *Jornal do Brasil* de 04/06/95 publicou uma pesquisa encomendada pelo governo que contraria a opinião aparentemente consensual dos analistas políticos, de que o palácio do Planalto conseguiu realmente colocar a opinião pública contra os petroleiros. Contrariando os *experts* em avaliações políticas, essa pesquisa foi realizada, já no final do movimento, para saber da população quem era responsável pela greve. Um terço da população afirmou que era o governo; a outra terça parte que eram o governo e os petroleiros; e finalmente, apenas um terço restante responsabilizou os petroleiros pela greve. Esta constatação aponta claramente para a necessidade de uma análise mais aprofundada dos ensinamentos da greve e seus efeitos políticos e ideológicos sobre a consciência da população.

Uma coisa é certa: não se pode, em hipótese alguma, tirar conclusões apressadas sobre o papel histórico desse movimento. Principalmente aquelas que baseadas no pragmatismo, desprezam os efeitos positivos que um levante como esse, baseado na justiça da causa, influencia o inconsciente coletivo das forças populares. Para nós, petistas, é importante lembrar uma frase do companheiro Lula, muito comum nos seus discursos nos primeiros anos de construção do PT. Essa frase estava escrita no banheiro de uma fábrica do ABC, logo após uma daquelas históricas greves metalúrgicas: "Mais vale a lágrima de uma derrota do que a vergonha de não ter participado da luta".

É dentro dessa mesma ótica que produziu, a partir de São Bernardo do Campo, a vanguarda social que vertebrou a construção da CUT e do PT, que devemos analisar, na atual conjuntura, o movimento dos petroleiros nessa fase de dificuldades da esquerda brasileira e das lutas dos trabalhadores.

**BRUNO MARANHÃO**  
DIRETOR DO BRASIL AGORA

**BRASIL  
AGORA**

**CONSELHO EDITORIAL:** EDUARDO SUPICY, HAMILTON PEREIRA, JOSÉ AMÉRICO DIAS, LUIZ EDUARDO GREENHALGH, MARKUS SOKOL, MILTON TEMER, MYRIAM ALVES, PLÍNIO DE ARRUDA SAMPAIO, RAUL PONT, RENATO SIMÕES, RITA FREIRE, VERA GOMES, PERSEU ABRAMO, FREI BETTO, BRUNO MARANHÃO E ANTONIO MARTINS

**DIRETOR:** BRUNO MARANHÃO

**EDITOR:** ANTONIO MARTINS

**REDAÇÃO:** CECÍLIA LUEDEMANN, MARISA LOURENÇO, MYRIAM ALVES E WILLIAM AGUIAR

**DIAGRAMAÇÃO:** FABIANO CIAMBRA

**PESQUISA DE FOTOS:** IVANILDA ALVES

**ILUSTRAÇÃO:** MARINGONI

**COLABORARAM NESTA EDIÇÃO:** IGOR FUSER, MARCO AURÉLIO GARCIA E SILVIO FIORANI

**JORNALISTA RESPONSÁVEL:** CECÍLIA LUEDEMANN - MTB: 14.915

**ADMINISTRAÇÃO:** MARIA RODRIGUES DE LOYOLA (CHEFE) E IVANILDA ALVES

**CIRCULAÇÃO:** ANA MARIA ALVES

**REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:** RUA VICENTE PRADO, 134 - CEP: 01321-020 - SÃO PAULO

**TELEFONE:** (011) 605-5088 **FAX:** (011) 605-5087

**PUBLICIDADE:** ELIANA ALVES MORAES.

### ASSINATURAS

**BELO HORIZONTE:** ANTONIO DE PÁDUA CEBOLA (031) 226.3856 ou 222.3811

**FORTALEZA:** JOSÉ VITAL (085) 226.5311

**RIO DE JANEIRO:** PAULO MORANI (021) 262.5863 ou 234.2003

**SÃO PAULO:** (011) 605.5088

**VITÓRIA:** VANDA LÚCIA VIANA (027)228.4881

RICARDO ANTUNES

# "OS SINDICATOS DA CUT ESTÃO EM XEQUE"

**BA:** A maior greve dos petroleiros terminou há três dias. Que balanço você faz do movimento?

**Ricardo Antunes:** Ele teve como significação maior o fato de desnudar o projeto neoliberal e perverso do governo FHC. Isso é importante, porque embora tenha havido total manipulação da grande imprensa, é visível que, por trás da primeira imagem de "população contra os grevistas", a greve permitiu que uma parcela importante da população pecebesse alguma coisa de nefasto no governo FHC. Nas filas de gás, as pessoas reclamavam que a situação era caótica.

Mas o *Jornal do Brasil* revelou, neste fim de semana, que segundo uma pesquisa sigilosa de opinião encomendada pelo Palácio do Planalto, um terço da população atribuía a responsabilidade aos petroleiros; um terço aos petroleiros e ao governo; e um terço ao governo, que desrespeitou o acordo firmado por seu antecessor.

O segundo fato importante é que a politização da greve e o confronto resultaram de uma simbiose nefasta entre governo e Tribunal Superior do Trabalho. O TST foi um apêndice político do executivo, tanto ao considerar a greve abusiva quanto ao desconsiderar um acordo feito com um ministro e com o apoio do presidente anterior, do qual este é herdeiro. Esse quadro de provocação empurrou os petroleiros à disputa.

**"CUT está perdendo marca que a consolidou, para priorizar a negociação"**

Tenho a impressão que a Federação Única dos Petroleiros não imaginava que o Planalto pudesse radicalizar tanto, a ponto de fazer da greve um emblema semelhante ao da Margareth Thatcher contra os mineiros da Inglaterra. O governo FHC percebeu que confrontando até o limite os petroleiros e boicotando-os em todos os planos — da mídia até a convivência com a sonegação dos combustíveis pelas distribuidoras privadas — teria condições de unir a direita contra o monopólio do petróleo, e apostou nesta estratégia.

O terceira questão em debate é a falsa acusação de que a greve foi corporativa. Ela seria se os petroleiros tivessem lutado apenas por aumento salarial, independentemente da quebra ou não do monopólio estatal de petróleo. Ao contrário, eles reivindicaram a preservação de um acordo feito no go-

*Um dos mais destacados estudiosos do sindicalismo brasileiro sustenta: a greve dos petroleiros não foi corporativa — o problema é que a esquerda não se preparou para enfrentar o neoliberalismo*



**Petroleiros paralisados: "As reivindicações foram derrotadas. A greve valeu, porque expôs o caráter nefasto do governo FHC"**

verno anterior, mas também a defesa de uma empresa que é fundamental à soberania do país.

**BA:** Que lições a greve pode ensinar ao movimento sindical?

**Ricardo Antunes:** A primeira consideração a fazer é que ainda que esse movimento tenha sido derrotado nas suas reivindicações, mostrou aos trabalhadores e a seu sindicalismo mais combativo — a CUT — o caráter desse governo e os riscos que a central correria se continuasse acreditando no

"papel positivo" do presidente. É verdade que a CUT vem polemizando com o governo FHC, mas por trás disso há uma pontezinha de crença de que este governo poderia ser diferente.

A greve mostra que um presidente sociólogo é capaz de agir como um general. Faz recordar o governo Figueiredo na greve dos 41 dias de São Bernardo, em 1980, porque naquele tempo o presidente também queria quebrar a espinha dorsal do sindicalismo.

Tudo isso coloca uma questão importante para a CUT: ela não estava preparada para um embate desta envergadura e não deu o apoio que seria necessário para, no momento que o governo resolveu confrontar para valer, oferecer o respaldo social, sindical e político de que os petroleiros tanto precisavam.

Nos últimos dois ou três anos a CUT tem se voltado predominantemente para um "sindicalismo de participação", de negociação. Está

abandonando aquele sindicalismo mais arraigado nas bases sociais e com tom de confronto. Costumo usar a expressão "negociar contra a ordem", para caracterizar a ação que a CUT desenvolvia na década de 80, que a consolidou, e que agora está sendo deixada para trás.

**"A direita quer pulverizar os sindicatos, e restringir mais o direito de greve"**

**BA:** Setores da direita sugerem a revisão das relações sindicais e do direito de greve. De que forma o movimento sindical pode reagir?

**Ricardo Antunes:** Na quadra atual do capitalismo, o objetivo dos capitalistas tem sido individualizar a relação entre o trabalhador e a empresa. Hoje não interessa aos empresários nem mesmo aquele sindicalismo contratual tipo social-democrata, grandes categorias de trabalhadores de um lado entendendo-se com o Estado e o Capital de outro.

O que o Capital quer hoje, muito inspirado no modelo japonês, no chamado toyotismo, é o sindicalismo de empresa, inteiramente cooptado e atrelado.

## QUEM É RICARDO ANTUNES

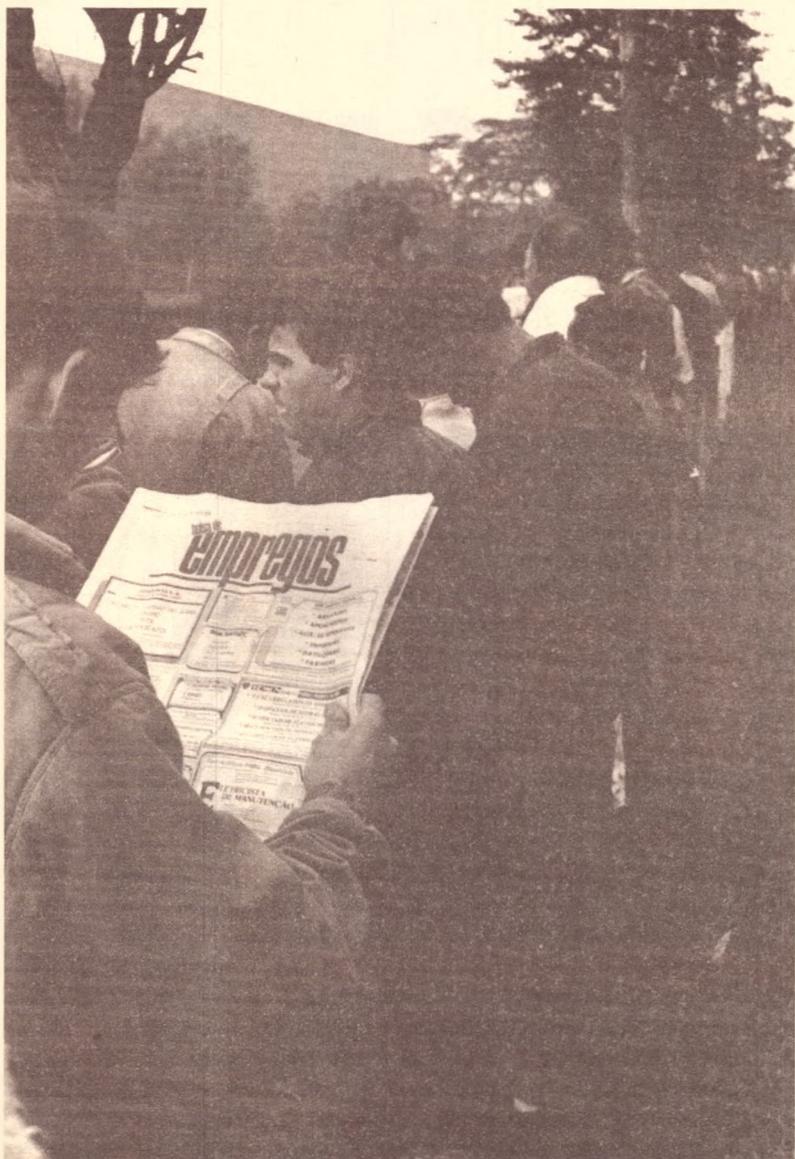
Professor livre-docente do Instituto de Sociologia da Unicamp, Ricardo Antunes é referência obrigatória nos debates sobre sindicalismo brasileiro — seja na universidade, seja entre o próprio movimento dos trabalhadores. Estudioso do movimento que contestou, a partir dos anos 70, a estrutura sindical getulista, e resultou na fundação da CUT, Antunes rejeita com vigor as teses segundo as quais a esquerda brasileira deve, para "modernizar-se", aceitar a desigualdade e a subordinação



MILTON DÓRIA

dos indivíduos às "forças do mercado".

Crítico, avesso ao panfletarismo, ele tem, ao mesmo tempo, colocado o dedo em feridas incômodas do movimento sindical: a burocratização, o desprezo pelos trabalhadores "desorganizados" e a adesão acrítica à política de "câmaras setoriais". Antunes percorreu várias vezes o país, em debates promovidos por sindicalistas de dezenas de categorias. Lançado há três semanas, seu último livro, *Adeus ao Trabalho?*, está prestes a esgotar-se.



PARIZOTTI

## Aumentam o desemprego e os empregos precários: "É preciso abandonar a tentação de representar apenas os trabalhadores mais organizados"

ao sindicalismo arraigado nas bases, e resistir contra a barbárie neoliberal.

É claro que apenas resistir é pouco. O sindicalismo de esquerda, os partidos de esquerda, os movimentos sociais anti-capitalistas precisam além disso somar forças para um projeto alternativo global a esta lógica destrutiva do capital.

**BA:** A produção capitalista em todo o mundo vive há algumas décadas um processo de reciclagem impressionante. Esse processo teria levado também o "Novo Sindicalismo" brasileiro, que criou a CUT, a uma crise?

**Ricardo Antunes:** De fato. Eu diria que existe uma crise do sindicalismo de âmbito mundial, motivada por vários elementos. Nos países capitalistas centrais, com raras exceções, as taxas de sindicalização diminuíram de modo expressivo nos últimos dez ou quinze anos. Nos EUA a queda foi brutal, cerca de 50% entre as décadas de 70 e 90.

### "O Capital superou a fase do fordismo. A maior parte dos sindicatos, não"

No sindicalismo brasileiro a crise começou a partir dos anos 90 — dos governos Collor, Itamar e agora FHC. São variantes, um o "aventureiro", outro o príncipe, das alternativas neoliberais. Na medida que as mudanças mais agudas no mundo do trabalho são hoje a redução do operariado estável e o aumento intensificado do sub-

proletariado, do trabalho precário, do trabalho parcial, do trabalho temporário, do subcontratado, aumenta o fosso no interior da classe-que-vive-do-trabalho, entre estáveis de um lado e precários em ampliação de outro.

Como o sindicalismo vertical da era do fordismo não incorpora esse subproletariado, é evidente que o "Novo Sindicalismo" brasileiro corre o risco de tornar-se, com todas as ressalvas que fizemos ao caso dos petroleiros, um sindicalismo com traços neocorporativistas. Seria um neocorporativismo tipo câmara setorial, cada um cuidando da parcela de trabalhadores organizados que ainda resta em seu sindicato.

Quando se defende na câmara setorial a redução dos impostos que oneram o capital, é evidente que há uma eliminação dos recursos que de algum modo poderiam beneficiar os serviços públicos de saúde, educação, etc. Portanto, o aumento do fosso no interior das classes trabalhadoras não pode ser respondido pela via do neocorporativismo mas pelo caminho de um sindicalismo horizontalizado e mais classista.

**BA:** Como seria esse sindicalismo?

**Ricardo Antunes:** É um desafio ainda sem solução, mas vamos falar em termos gerais. Se numa empresa metalúrgica você tem 20% de trabalhadores estáveis e os outros 80% precarizados, o sindicalismo dessa hipotética empresa não pode contentar-se em organizar esses 20% "mais estáveis, mais

qualificados". Hoje os precários, os terceirizados, os subcontratados são muitas vezes abandonados pelos sindicatos, que assumem, aí sim, uma postura corporativa. Ora, se você partir do dado que hoje, nos EUA, na França ou na Inglaterra 35% a 50% da classe trabalhadora é composta pelos trabalhos precarizados. O futuro do sindicalismo está intimamente atado à resolução que ele vai dar a este problema. Ou se mantém vertical, como na era do fordismo, num momento em que as bases industriais já não são mais fordistas, ou se horizontaliza, de modo a integrar os excluídos.

### "Esquerda cutista também está aturdida. Ver a crise é mais fácil que resolvê-la"

Isto também indica que o sindicalismo não pode preservar-se enquanto instituição burocratizada e institucionalizada. Ele tem que ser mais movimento social e menos empresa organizada.

**BA:** Você tem dito que a "esquerda cutista", tem feito pouco para enfrentar estes desafios.

**Ricardo Antunes:** É sempre mais fácil diagnosticar o desafio do que resolvê-lo. A esquerda cutista também está aturdida, porque à medida que a empresa chama o trabalhador para dentro da empresa e tenta, com um tratamento mais dócil e mais civilizado, distanciar os trabalhadores do sindicalismo mais combativo, surgem novos problemas. A resolução desse embate passa por uma reelaboração aguda do conjunto do movimento sindical combativo.

ENTREVISTA A  
**ANTÔNIO MARTINS**

Portanto, o Capital vai jogar para valer, a partir de agora, para introduzir o sindicato por empresa. Para o sindicalismo combativo este movimento abre um dilema, porque cria uma liberdade sindical que pode tanto descambar para o pluralismo, quanto, dependendo da força e da consciência sindical dos trabalhadores, preservar um sindicalismo unitário de base.

Em relação ao direito de greve, precisamos estar preparados para a tentativa do governo de im-

por uma legislação complementar ainda mais restritiva. A CUT precisa resgatar vínculos fortes com os movimentos sociais. O que deu a ela força, nos anos 80, foi ter uma base importante de apoio no operariado industrial mais avançado, nos trabalhadores das empresas públicas e funcionários públicos, e uma base também importante entre os trabalhadores rurais, agora acrescida da incorporação da Contag. O desafio é voltar à trajetória que está sendo abandonada:

## GÁS DE COZINHA

# FARSA DESMASCARADA

*Ação da prefeitura de Santos comprova: distribuidoras esconderam o produto*

A fidelidade do prefeito de Santos, David Capistrano (PT), ao dever constitucional de defender os interesses da população de sua cidade foi suficiente para derrubar um dos principais mitos difundidos pelos adversários da greve dos petroleiros. Ao contrário do que sustentaram o governo, o Tribunal Superior do Trabalho e toda a "grande" imprensa, a falta de gás canalizado, que infernizou a vida dos brasileiros pobres, não foi causada pela paralisação dos trabalhadores. Ao menos em Santos, as responsáveis foram as distribuidoras privadas do produto — com

a provável conivência dos órgãos do governo federal encarregados de controlar a distribuição de combustíveis e das polícias estaduais.

A ação da prefeitura santista foi resultado de uma denúncia feita pelos petroleiros de Cubatão, em 28 de maio. O sindicato da categoria sustentou que o refino, assegurado pelos grevistas, de 20% do volume de gás de cozinha normalmente produzido, mais a importação de 30%, eram suficientes para manter o abastecimento.

Preocupado com o desabastecimento, que vitimava a população havia semanas,

o prefeito Capistrano pediu à CIDOC, espécie de PROCON regional, uma vistoria nas duas empresas da cidade — Ultragás e Liquegás.

Apanhadas de surpresa por uma prefeitura que não se rendeu à ação do governo federal contra os trabalhadores, as empresas não tiveram saída: reconheceram que havia gás suficiente, mas alegaram que... temiam a depredação dos caminhões por populares.

A prefeitura observou que a retirada dos caminhões distribuidores impossibilitava o abastecimento das áreas mais pobres, e criava uma situação de disputa e

encarecimento do produto. O alarme falso dado pelos meios de comunicação agravou ainda mais a problema, porque levou a classe média a fazer estoques domésticos de gás.

Para derrubar todos os pretextos, e garantir os direitos dos moradores da cidade, a prefeitura mobilizou a Guarda Municipal para acompanhar e garantir a distribuição.

Três caminhões foram deslocados para pontos de fácil acesso na cidade. A venda foi regularizada, sem filas, atropelos ou ágio. A população, tranqüila, teve gás para cozinhar o feijão. **C.L.**

*“Viver de noite me fez senhor do fogo. A vocês, eu deixo o sono. O sonho, não. Esse, eu mesmo carrego.”*

Paulo Leminski

## O portão vermelho

O portão vermelho, única entrada na Refinaria Presidente Bernardes de Cubatão (RPBC), está constantemente cercado por petroleiros, de um lado, e parentes, amigos, jornalistas, políticos e sindicalistas, do outro. Para quem chega, a impressão é a de uma visita aos prisioneiros de uma penitenciária. Em seguida, percebe-se que o portão une, ao invés de separar. Mãos nas grades, grevistas e visitantes aproximam seus corpos dele e conversam demoradamente. Duas crianças brincam penduradas nas traves de aço, numa verdadeira festa grevista.

## “Meu salário é uma vergonha”

Os petroleiros de Cubatão conversam com todos que chegam do outro lado do portão. “Ei, você é da imprensa? Tira a foto do xerox do nosso holerite, ali ao lado do caixão que fizemos para o TST. Mostra que a gente não ganha aquele salário de marajá que aparece nos jornais”. Na folha de pagamento, o nome do funcionário está apagado, por segurança. Auxiliar de segurança (bombeiro), cinco anos de serviço, salário de R\$ 339,66, valor líquido: R\$ 295,72. Revoltado, um petroleiro de cabeça raspada e macacão cinza, tira do bolso várias cópias de outros demonstrativos de pagamento: “O meu salário é uma vergonha. Veja o holerite desse companheiro, operador de processamento, dez anos de Petrobrás: R\$ 462,77.”

## Carícias entre as grades

Ela desce do ônibus “Santos-Cubatão”, carregando o bebê e segurando a menina pelo braço. Zé aguarda ansioso para matar a saudade da mulher e dos filhos. Maria caprichou no vestido florido, no batom vermelho e a até no perfume. “Essa hora é sagrada e ninguém pode atrapalhar”, explica um colega ao lado, e continua: “A gente até se acostumou a abraçar e beijar a mulher e os filhos entre as grades do portão”. De longe, há sempre um que olha com inveja: “A minha mulher não veio mais, tá brigada comigo. Diz que vou perder o emprego”.

Zé é um daqueles que insistiu. Acariciando os cabelos de Maria, ele lembra: “No começo você vinha com raiva, nem queria trazer as crianças. Dizia que era perigoso, que eu tava me metendo com polícia, coisa de política. Ela ri: ‘Foi. Depois fiquei com pena. Pensei que não tava justo o que o governo tava fazendo’. A menininha, esgueirando-se entre o vão do portão, abraça as pernas do pai. “Por tudo isso, completa Zé, essa greve já valeu”.

## O povo é o dono...

“Se eu aguento ficar aqui na ocupação? Aqui, na RPBC, estamos em casa. Nós já pegamos amor à refinaria”, responde um grevista de cabelos grisalhos, enquanto espanta os borrachudos. O céu brilha na lente dos óculos escuros de um petroleiro mais novo, que balança a cabeça em sinal de concordância: “Quando explode alguma coisa aqui ninguém foge. Corre todo mundo prá ver o que foi destruído e o que dá para salvar”. Um terceiro, sem uniforme, sentado de frente para o encosto de uma cadeira, lembra mais: “E aquela vez da enxurrada? Tudo aqui ficou metido na lama e a gente decidiu fazer um mutirão. Foi um trabalhão, e nem contou como hora-extra”. O grevista de cabelos grisalhos conclui, com a voz carregada: “É isso que mais dói. Enquanto a gente luta para melhorar a Petrobrás, o governo está só pensando em destruir. Nós só queremos o que é nosso. A Petrobrás é do povo.”

## ... e a polícia não entra

“Não é a primeira vez que a Refinaria Presidente Bernardes desafia a Petrobrás e o governo. A greve de ocupação existe desde 1964, quando tentou-se acabar com a jornada de 6 horas e impor a de 8 horas”, afirma Maurício, um dos integrantes da comissão de greve. Averaldo Menezes, presidente do sindicato, descreve o momento em que os grevistas de Cubatão afastaram, na raça, o risco de um confronto com a polícia.

“A polícia veio tentar tirar a gente daqui numa noite de sexta-feira. Juntou todo mundo na casa de força e fizemos uma assembleia relâmpago. ‘A polícia tá aí’, falei. Foi pânico geral. Mas a única vontade era continuar a greve, manter a ocupação, reagir.”

“Foi aí que surgiu a idéia: apagamos todas as luzes, *black-out* geral. Fizemos o superintendente, a oficial de justiça e o tenente se dirigirem, no meio daquela escuridão, até o restaurante, muito longe da portaria.”

“A oficial apresentou a liminar de reintegração de posse e nós passamos das 8 da noite até as 2 horas da manhã tentando convencer a mulher que o povo brasileiro era o dono da Petrobrás, que a liminar garantia a nossa presença. Cansada da conversa, a mulher endoideceu: ‘Vão atender ou não vão?’

“Aí foi a nossa vez de radicalizar. Dei uma mãozada na mesa, assistando todo mundo, e gritei: — Nós não vamos obedecer. Pode mandar a polícia entrar.”

“Ligamos para o Suplicy e ele falou com o superintendente, afirmando o nosso direito. Logo a refinaria estava lotada de visitas: a Telma de Souza, o David Capistrano, o Suplicy. O superintendente, desanimado, pôs a mão na cabeça e lamentou: ‘Vocês são mesmo rebeldes-organizados, enchem de autoridades a refinaria toda a vez que chega a polícia’.

“Aí a negociação mudou. Apenas aceitamos utilizar crachás e não permitir que pessoas estranhas entrassem na refinaria. Nesse dia ninguém dormiu, foi a maior festa”.

# CRÔNICA DA LUTA OPERÁRIA

*Duas repórteres acompanham a greve por dentro, e vêem o lado humano de uma categoria que ainda acredita em luta dos trabalhadores, dignidade e soberania nacional*



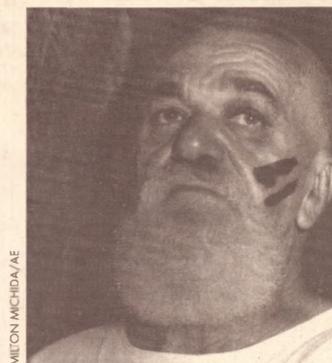
CECÍLIA LUEDEMANN/AE



ITAMAR MIRANDA/AE



**Por trás das grades vermelhas (acima), há quem defenda o país. “Vicentão”, o aposentado (à direita) está nessa: recebe as contribuições enviadas aos grevistas pelos trabalhadores da Baixada (à direita), prepara as refeições e o tira-gosto, e pondera: “aprendemos a pesar nossas forças e fraquezas”. No alto, à esquerda, o protesto contra a imprensa que só ouve “os patrões e o governo”**



MITON MICHIDA/AE

## “Nossas forças e fraquezas”

Se você sair perguntando em Cubatão quem é o “irmão maior”, o braço forte de todos, a resposta será a mesma: Vicentão. Ex-petroleiro, membro da associação dos aposentados, foi diretor sindical duas vezes, — em 71/73 e 90/93. Depois de 37 anos na categoria, e 34 na Petrobrás de Cubatão, Vicentão é uma imagem mista de força e singeleza. Alto, forte, boné que comemora o bicampeonato do Palmeiras e barbas brancas, enormes olhos azuis e um sorriso tímido de Papai Noel, ele luta, do lado de fora, pela solidariedade à greve. Caminha sobre

o chão de terra coberto de serragem, observando sua improvisada cozinha com dois fogões de duas bocas. “Eu acompanho a greve nessa barraca, com as esposas e amigos dos grevistas, recebendo alimentos, fazendo café, lanche, almoço, janta e tira-gosto. Já recebemos doações do Movimento dos Sem Terra, de trabalhadores de outras categorias, de vereadores de Cubatão, dos prefeitos de Santos e de São Vicente, do senador Suplicy. O Vicentinho veio nos visitar e quase não conseguiu sair, todos queriam seu abraço e seu autógrafa nos macacões.”

A experiência de outras lutas sugere a Vicentão que, depois de 30 dias, o movimento está no fim. Para ele, o balanço é positivo. “Apesar das ameaças, essa foi a maior e a mais importante greve de que já participei. Digo isso com certeza, porque não entrei nessa luta ontem. Sou do tempo em que nem existia sindicato. Vi a empresa crescer, e nós crescemos juntos. Como a categoria é muito grande, a gente tem que saber combinar as refinarias que estão mais fortes, mas conscientes de seus direitos, com aquelas mais fracas. Assim, a nossa primeira vitória é voltar ao trabalho com toda a categoria unida. Nessa greve ganhamos muito sabendo da nossa força e da nossa fraqueza. Agüentamos firmes durante um mês e já é bom demais. Estaremos voltando de cabeça erguida”.

## O joio e o trigo

Manhã de quarta-feira, dia 31 de maio, os petroleiros sentam-se de costas para o portão, com os jornais abertos. Silêncio total. Olhares perplexos, sob óculos de proteção, acompanham as últimas notícias. O Estado de S. Paulo ameaça: “Governo quer enquadrar grevistas no Código Penal”.

Ninguém quer dar entrevista. Uma repórter do jornal *Aqui, Agora*, do SBT, pede informações a um grevista. O homem negro, alto e magro explode: “O que é que vocês vieram fazer aqui? Pegar nossos nomes e inventar histórias? O meu vizinho assistiu o *Aqui Agora* e já está me chamando de marginal!” Rapidamente forma-se uma roda em volta e a repórter começa a chorar: “Eu não tenho culpa se não saem todas as entrevistas. Estou aqui cumprindo ordens”.

O clima está cada vez mais tenso. Mal o carro da TV Globo estaciona, um grupo de grevistas vai logo avisando: “Vocês não cheguem nem perto, só servem para confundir”. A Globo recua para uma praça distante. No portão vermelho explode uma gargalhada geral: “Vocês têm que aprender a nos respeitar, como respeitam os patrões e o governo”. Um petroleiro com óculos escuros, chapéu de bombeiro com uma pena, levanta o cartaz: “Rede Globo: não acredite nessa bomba”.

Expulsos os “indesejáveis”, continua a leitura dos jornais. Localizado no “Estadão”, é lido ao microfone, e aplaudido, o artigo onde Frei Betto recorda o passado de Fernando Henrique e frisa: “É assustador como o poder modifica certas pessoas”. Ainda não chegou a Cubatão a “Gazeta Mercantil”, que alardeia em manchete: “Lula diz que a greve já deveria ter acabado”.

## Que o Senhor nos acompanhe

Averaldo tem três ídolos: Che Guevara, Zumbi e Jesus Cristo. Ele explica: “Entre nós vale a diferença. Cada um pensa de um jeito e no final sempre concordamos. Um dia desses um companheiro crente, indignado com as ameaças do governo, pediu para fazer uma oração. Demos as mãos e ele puxou a reza. ‘Irmãos, Deus lá em cima está vendo as injustiças que estão fazendo conosco. E vai castigar esses desonestos. Deus está com a gente’.”

A reza, conta Averaldo numa nova gargalhada, mudou o modo dos grevistas se chamarem uns aos outros: “Daquele dia em diante, virou tudo *meu irmão*”.

## “O que levamos para casa”

Um diretor do sindicato de Paulínia abre a assembleia do dia 1º, véspera do fim da greve, dizendo que a imprensa deveria registrar o início da reunião e se retirar da quadra de esportes. Fala ao microfone plugado no amplificador da Kombi do sindicato. Há ruído e alguém sugere mudá-la de posição. Cerca de 300 trabalhadores lotam as arquibancadas. Como dois homens empurram o carro, uma voz se sobrepõe ao burburinho. “Que foi, tá faltando gasolina, é?” As risadas servem para diminuir a tensão.

Os depoimentos que se seguem dão conta de uma realidade diferente daquela vista em Cubatão. Afastados da refinaria desde a ocupação do Exército, os trabalhadores sofrem mais intensamente as pressões de amigos e familiares. Sinais de cansaço são nítidos em muitos rostos. A assistência já começa a se dispersar quando um homem encorpado se dirige ao microfone e atrai, com voz de trovão, a atenção de todos.

“Companheirada... Será que estamos brincando de fazer greve, como a imprensa está dizendo? Alguém aqui tem dúvida da seriedade desta greve? O acidente desta madrugada mostrou que os companheiros que fraquejaram e voltaram ao trabalho expuseram suas vidas estupidamente. Também tenho sofrido pressões da empresa e todos nós sabemos que sete ou oito homens não podem manter a produção. O que pode nos acontecer se estivermos unidos? A demissão? Esta greve é tão justa que ninguém, nem imprensa, nem governo, contestaram nossas reivindicações. Eu quero o mesmo que vocês. Quero salário justo, saúde e educação para os meus filhos. E quero mais. Quero ensinar a eles que é preciso viver com dignidade, senão não terá valido a pena viver. Estamos do lado da verdade e mesmo que no fim não sejamos atendidos, eu levo para casa, para os meus filhos, a lição da coragem.”

Os aplausos estouram na arquibancada. Muitos petroleiros, sem lenços, enxugam as lágrimas com as mãos.

CECÍLIA LUEDEMANN E MARISA LOURENÇO

# A ERA DAS "DEMOCRATURAS"

**A**nos depois de terminadas as ditaduras militares na América do Sul, vários de seus métodos começam a ser imitados por governos civis eleitos pelas urnas. O uso do Exército para intimidar os petroleiros em greve, por ordem de FHC, é apenas o mais recente sintoma desta recaída autoritária presente na maioria dos países sul-americanos submetidos a governos neoliberais. Diante do menor obstáculo para aplicar as políticas ditadas pelo FMI e pelos EUA, esses governantes não hesitam em trair seu compromisso com a democracia e, em casos extremos, as próprias leis que juraram cumprir.

**Governo do Equador usa contra trabalhadores a lei marcial criada durante a guerra contra o Peru**

Numa expressiva coincidência, uma semana antes de FHC despachar tropas para as refinarias, a insuspeita revista norte-americana "Newsweek" publicou uma matéria intitulada "De volta aos caudilhos?", na qual comenta a tendência generalizada dos presidentes sul-americanos em governar pela força bruta. No Equador, por exemplo, a lei marcial imposta pelo governo durante a recente guerra com o Peru está sendo usada agora para reprimir as lutas reivindicatórias dos trabalhadores. Mas o caso mais gritante é o da Bolívia, onde o movimento sindical lançou em abril o primeiro desafio sério à política neoliberal implantada há dez anos. Uma greve geral, deflagrada pelos 75 mil professores, paralisou o país. O presidente Gonzalo Sánchez de Lozada pôs a tropa na

*FHC é parte de uma safra de governantes que coloca os interesses do capital sempre acima dos compromissos com a democracia*

rua e decretou estado de sítio, cancelando os direitos de reunião e de manifestação. Mais de 400 sindicalistas foram presos e confinados em lugares remotos, sob os aplausos de um Congresso submisso.

**Sob aplausos do Congresso e em estado de sítio, Executivo da Bolívia confinou 400 sindicalistas**

Na Argentina, o presidente Carlos Menem ganhou um novo mandato graças a uma estratégia política baseada na chantagem. "Ou eu ou o caos", foi o recado incessantemente martelado na campanha. Ou seja: se o eleitorado optasse por outro candidato, os investidores nacionais e estrangeiros, contrariados, jogariam o país no abismo, retirando seus capitais com um simples toque num teclado de computador. O controle dos meios de comunicação — sobretudo da TV — tornou a mensagem mais convincente. Endividados até o pescoço e traumatizados com a lembrança da hiperinflação, muitos argentinos cederam ao "voto do medo", como ficou conhecido. Triste democracia essa, onde os tubarões das finanças (os chamados "mercados") decidem quem "pode" e quem "não pode" chegar ao governo — e impõem sua vontade em eleições nas quais votar não significa escolher. Com as mãos livres, Menem retomou

sua velha prática de governar por decreto: 360, em seis anos no poder (seu antecessor, Raul Alfonsín, só emitiu dez). "A televisão criou um novo tipo de caudilhismo", alerta, em entrevista à "Newsweek", o advogado argentino Luis Moreno Ocampo.

O grande exemplo para os mandatários neoliberais é o peruano Alberto Fujimori, que em 1992 assumiu poderes ditatoriais com a dissolução do Congresso e da Suprema Corte. Meses depois o país voltou a ostentar uma fachada de "democracia", com a nomeação — pelo presidente — de novos juízes para o tribunal máximo e a eleição de um novo Congresso. Mas Fujimori mantém as rédeas do poder, que só compartilha com os chefes militares, a fonte de sua força.

É ele quem controla pessoalmente todo o dinheiro público, decidindo, com base em critérios clientelísticos, o destino de cada centavo que é enviado às prefeituras e aos projetos sociais. É também o presidente quem nomeia todos os governadores das províncias. Com a faca e o queijo na mão, não foi difícil a Fujimori ganhar mais um mandato, elegendo, de quebra, um Congresso que só falta lamber a sola dos seus sapatos. Seu primeiro ato depois de reeleito foi a intervenção nas universidades, que considera um reduto oposicionista.

A truculência com que a greve dos petroleiros foi tratada por FHC reforça a sus-

peita de que as classes dominantes na América do Sul estão partindo para um estilo de governo já apelidado de "democracia" — mistura de democracia com ditadura. Tratam-se de presidentes que, embora respaldados pelo voto popular, governam essencialmente pela força, atropelando os princípios democráticos sempre que estes atrapalham seus projetos. O controle total da mídia eletrônica pela direita garante o monopólio da informação, impedindo que as questões em jogo sejam efetivamente debatidas pela sociedade. Torna-se mais atual do que nunca a famosa frase do escritor Aldous Huxley em seu *Admirável mundo novo*: uma mentira repetida 20 mil vezes equivale a uma verdade".

**Na Argentina, chantagem política: ou Menem se elegia, ou donos do dinheiro jogariam país no abismo**

Talvez esta seja, de fato, a única maneira de enfiar o "Consenso de Washington" pela garganta dos povos latino-americanos. Não por acaso, as duas experiências mais radicais de implantação do neoliberalismo se deram em condições de falta de liberdade: o Chile de Pinochet e o México do PRI. Uma coisa é certa: na hora de escolher entre os interesses do grande capital e o respeito à democracia, a atual safra de governos neoliberais fica sempre com a primeira alternativa. FHC só está seguindo a manada.

**IGOR FUSER, JORNALISTA E EDITOR INTERNACIONAL DE "VEJA". ESTÁ ESCRIVENDO UM LIVRO SOBRE A CRISE MEXICANA**



**Sob as ordens do "intelectual-presidente", o Exército brasileiro intervém contra a greve dos petroleiros. Ataque aos direitos dos trabalhadores vai se tornando corriqueiro na América Latina.**

# A OPÇÃO DO FORO DE S. PAULO

**Reunidas em Montevideú, as esquerdas do continente debatem como agir diante da ofensiva neoliberal**

Sessenta e cinco partidos e movimentos de esquerda de toda a América Latina e Caribe estiveram reunidos em Montevideú, entre 25 e 28 de maio último, no Quinto Encontro do Foro de São Paulo.

Depois da última reunião, em julho de 1993, em Havana, decidiu-se que seria quebrada a rotina de Encontros anuais, tendo em vista que, de fins de 1993 a começos de 1995, haveria eleições presidenciais e/ou gerais em pelo menos 14 países do Continente e que na maioria deles as esquerdas disputavam estes pleitos com reais chances de vitória.

**Na abertura, denúncia do neoconservadorismo, e apelos a novas alternativas**

Este fato conferiu à reunião de Montevideú uma importância muito grande, na medida em que, pela primeira vez, os partidos do Foro podiam realizar coletivamente uma avaliação dos processos eleitorais no continente nos quais as esquerdas foram globalmente derrotadas, ainda que tenham obtido votações significativas, afirmando-se em vários países como principal força de oposição.

Ao lado da avaliação dos processos eleitorais, o Foro debruçou-se sobre a evolução econômica, social e política da América Latina e Caribe neste último ano e meio, marcada pela generalização das experiências de ajuste neoliberal, abaladas pela crise mexicana desencadeada em dezembro de 1994.

Já na abertura, na noite de 25 de maio, os três oradores - o general Líber Seregni, presidente da Frente Ampla uruguaia, Chafic Handal, dirigente da Frente Farabundo Martí de El Salvador e Cuahtémoc Cárdenas, candidato presidencial do PRD do México — deram o tom do que seriam os debates nos dias seguintes, fazendo fortes denúncias dos projetos neoconservadores em curso na América Latina e chamando a atenção para a necessidade das esquerdas construírem suas alternativas.

Cárdenas iniciou seu discurso homenageando os petroleiros brasileiros e lamentando a ausência do "amigo Lula" que teve de cancelar à última hora sua viagem a



MITON POMAR

**O aumento da miséria no continente preocupa as esquerdas**

Montevideú, tendo em vista o agravamento da situação da greve dos petroleiros, depois da ocupação de refinarias por tropas do exército.

Nos debates dos dias seguintes, seja na plenária, onde o Partido dos Trabalhadores apresentou uma das intervenções de abertura (veja caixa), seja nas comissões, os temas centrais do Encontro seriam aprofundados em dezenas de pronunciamentos.

Os recentes acontecimentos da Bolívia — decretação do Estado de Sítio e prisão de dirigentes sindicais — ganharam um destaque particular. Não só por serem reveladores das tendências autoritárias do neoliberalismo na

América Latina, como porque um dos partidos presentes em Montevideú, o Movimento Bolívia Livre (MBL), integra o governo de Sanchez Lozada. Alguns partidos, capitaneados pelo pequeno e folclórico Partido Obrero, da Argentina, tentaram desde o início expulsar o MBL. A imensa maioria, ainda que crítica ao governo boliviano e solidária com os trabalhadores daquele país, não apoiou a proposta do P.O., que retirou-se ruidosamente do evento.

Um dos aspectos destacados do Encontro de Montevideú foi o de ter reunido dezenas de parlamentares de todo o continente, mais observadores da Europa, Ásia,

África e Austrália, que pela primeira vez concentraram ações comuns em temas como os da integração econômica, dos direitos humanos e da construção de sólidas instituições parlamentares continentais. O líder da bancada federal petista, Jacques Wagner e os deputados Miguel Rosseto, ligado à problemática do Mercosul, e Nilmário Miranda, presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara de Deputados, compareceram e participaram dos debates.

**Novo Grupo de Trabalho: agremiações de esquerda de nove países**

Além de aprovar uma resolução política, o Foro decidiu que o Sexto Encontro será em 1996 em El Salvador. Ao mesmo tempo, foi recomposto o Grupo de Trabalho, que assegura o funcionamento do Foro entre um Encontro e outro. Com a saída dos partidos da esquerda peruana, do MBL, do PRD do Panamá e do Labour Party de Dominica, o novo GT será integrado pelo PRD mexicano, FSLM de El Salvador, Frente Sandinista, Partido Comunista Cubano, partidos de esquerda da República Dominicana, Partido Comunista de Guadeloupe (representando o Caribe francês), partidos de esquerda da Colômbia, Frente Ampla, do Uruguai e PT do Brasil.

**MARCO AURÉLIO GARCIA,**  
SECRETÁRIO DE RELAÇÕES  
INTERNACIONAIS DO PT

## O QUE É O FORO DE S. PAULO

Em julho de 1990 reuniram-se em São Paulo, convidados pelo Partido dos Trabalhadores, 48 organizações em um evento que se chamou Encontro de Partidos e Movimentos de Esquerda da América Latina e do Caribe. O tema central da reunião foi a crise do socialismo no mundo e seus efeitos sobre a América Latina. Ao final dela decidiu-se convocar um novo encontro para o ano seguinte no México e constituir um Grupo de Trabalho para prepará-lo.

A reunião do México, em junho de 1991, adotou o nome de Segundo Encontro do Foro de São Paulo e contou com a presença de 68 partidos.

Daí decidiu-se dar mais ênfase aos temas da integração e das alternativas econômicas às propostas neoliberais em curso no continente. Para

tanto o Foro organizou seminários em Lima e Manágua, onde também foi seu Terceiro Encontro, em julho de 1992.

O quarto Encontro, o mais concorrido de todos foi em julho de 1993, em Havana. E estiveram presentes mais de 120 partidos e as discussões foram em grande medida dominadas pelas perspectivas eleitorais que se abriam para as esquerdas latino-americanas.

O Foro tem sido alvo de campanhas de extrema-direita que procuram apresentá-lo como uma "internacional terrorista". A imprensa uruguaia fustigou o Quinto Encontro e o presidente do Congresso uruguaio, no passado aliado da Frente Ampla, negou os locais de legislativo para que aí se reunissem os parlamentares dos partidos presentes ao Foro.

## A INCAPACIDADE DO NEOLIBERALISMO.

*"O neoliberalismo, depois da crise de dezembro de 1994, demonstra mais ainda sua incapacidade de consolidar um regime de inversões produtivas. Não pode assegurar as transformações sociais de que necessitam nossos povos para alcançar desenvolvimento sustentável, nem pode criar as condições para conduzir um processo de integração que responda aos desafios da nova situação internacional. Ao contrário, provoca mais pobreza em amplos setores da população, sobretudo entre as mulheres e os jovens, eliminando importantes conquistas sociais"*

*"Somos conscientes de que os países da América Latina devem inserir-se na economia mundial, que se modificou e que oferece oportunidades e desafios. Mas sustentamos que essa integração na economia internacional deve ser guiada pelos interesses nacionais, que são os das grandes maiorias"*  
(da declaração final)

## ENORMES DESAFIOS.

*"Apesar das derrotas, este é, globalmente, o melhor desempenho que as esquerdas tiveram na história da América Latina. Tal resultado expressa um prolongado processo de emergência de movimentos sociais, de renovação política e recomposição orgânica de partidos e movimentos progressistas em curso há pelo menos dez anos. "As difíceis condições em que se desenvolveu sua ação e os resultados eleitorais adversos não tiraram força às esquerdas latino-americanas. Ao contrário, elas continuam com uma forte presença na sociedade e tiveram aumentada consideravelmente sua presença nos parlamentos e em governos estaduais e municipais. Por isso tudo, continuam sendo um fator decisivo na vida política da maioria dos países do continente. "Têm pela sua frente, no entanto, enormes desafios"*  
(da intervenção de Marco Aurélio Garcia)

"O POVO BRASILEIRO"

# UM LIVRO PARA ENXERGAR O BRASIL

*Amadurecida ao longo de 30 anos, a nova obra de Darcy Ribeiro é um esforço apaixonado para compreender o país sem as lentes distorcidas do eurocentrismo*

**D**arcy Ribeiro, tanto quanto escritor e ensaísta é um ser falante, e assim não procura ocultar as evidências. Costuma dizer aquilo que os estudiosos geralmente não dizem. "Além de antropólogo, sou homem de fé", adverte logo na introdução de seu recém lançado "O Povo Brasileiro". "Faço política e faço ciência movido por razões éticas e por um fundo patriotismo. Não procurem, aqui, análises isentas."

De fato, esse livro grandiloquente, que nada tem a ver com o ranço comum das teses acadêmicas (ao contrário), mostra uma constante contraposição entre o cientista e o político, entre a paixão e a razão. "As conclusões da paixão são as únicas dignas de fé", proclamou o pensador cristão Gabriel Marcel. Mas às vezes conduzem a algo próximo do delírio. A crença no povo e na força de sua cultura leva Darcy a afirmar, sem reservas: "Somos uma

nova província da civilização ocidental. Uma nova Roma, uma matriz ativa da civilização neolatina. Melhor que as outras porque lavada em sangue negro e em sangue índio, cujo papel, doravante, menos que absorver europeidades, será ensinar o mundo a viver mais alegre e mais feliz". Quem anda por aí, pela periferia e os centros decadentes de nossas "melhores" cidades, haverá certamente de perguntar: "Que país é esse de que ele está falando?". O que mais impressiona a nós, observadores comuns, é o fenômeno demolidor que se constitui na política de sujeição a uma economia dominante que nos invade não apenas através de seu tentáculo político neoliberalista, mas através de uma

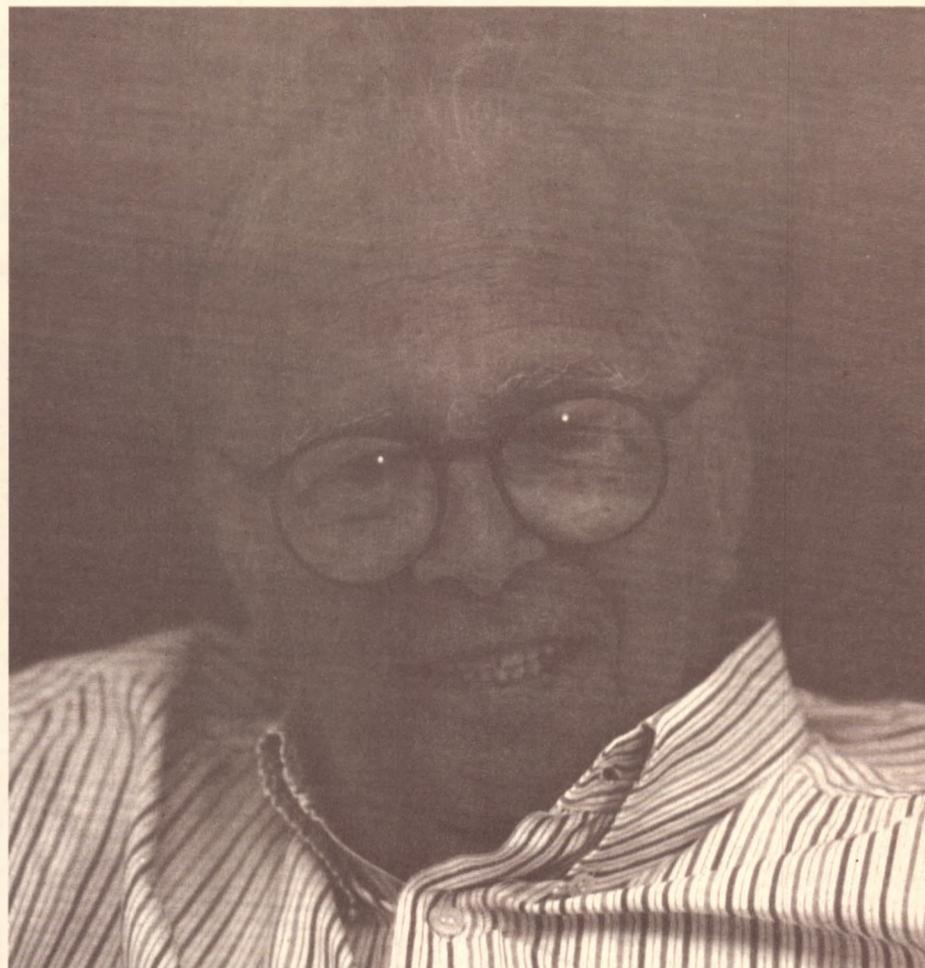
profunda ingerência, via mídia, em nossa cultura. Se há o prenúncio de uma nova Roma, certamente aqui não será o seu lugar.

No entanto, ainda que culturalmente o Brasil, segundo Darcy Ribeiro, prenuncie um grande futuro, o livro comporta a esperada denúncia de que socialmente o país vai muito mal: "O principal problema brasileiro é atender a imensa massa urbana, que, não podendo ser exportada, como fez a Europa,

deve ser reassentada aqui. (...) Isso só se alcançará através da garantia de pleno emprego, que supõe uma reestruturação agrária". Quanto a este ponto, sua conclusão não é nada otimista: "É provável que a União Democrática Ruralista (UDR), que representa os latifundiários no Congresso, seja o mais poderoso órgão do Parlamento. É impensável fazê-la admitir o princípio de que ninguém pode manter a terra improdutiva por força do direito de propriedade,

a fim de devolver as terras desaproveitadas à União para programas de colonização".

"O Povo Brasileiro - A Formação e o Sentido do Brasil" (Companhia das Letras, 470 pg., R\$22,00), que já está há mais de um mês nas listas dos livros mais vendidos no país, faz parte de uma série com cinco outros títulos: "O Processo Civilizatório", "As Américas e a Civilização", "O Dilema da América Latina", "Os Brasileiros: Teoria do Brasil" e "Os Índios e a Civilização". Trata-se de um imenso painel que comporta ainda, ao seu final, o sonho da grande nação latino-americana: "Nosso destino é nos unificarmos por nossa oposição comum ao mesmo antagonista, que é a América anglo-



RAIMUNDO VALENTIM/AE

**O inquieto Darcy: para completar a obra, fuga da UTI e nova luta contra o câncer**

saxônica, para fundarmos a nação sonhada por Bolívar". Aos 72 anos, Darcy Ribeiro concluiu um projeto que acalentava desde os anos 60. O texto de "O Povo Brasileiro" vinha sendo escrito e reescrito, com longas interrupções, até que a urgência criada por um câncer levou o autor a fugir de uma UTI e a concluir, finalmente, o projeto.

**Dominado econômica e culturalmente, o Brasil pode tornar-se uma "nova Roma", como quer o livro?**

À parte a antropologia, Darcy Ribeiro deu grandes oportunidades para que a sua outra metade, o ser político, também se manifestasse. Foi, entre outras coisas, ministro da Educação e chefe da Casa Civil do Governo João Goulart. Com a queda de Jango, deixou o Brasil para um exílio de 12 anos. Juntou-se depois a Leonel Brizola, com quem foi eleito vice-governador do Estado do Rio, em 1982. Elegeu-se também senador pelo PDT. Essa carreira pode até parecer invejável, mas a grande marca de Darcy na vida brasileira é mesmo a do antropólogo e escritor.

O sonho bolivariano e a idéia de uma nova Roma parecem produtos de uma alma exaltada, mas podem ser encarados como resultado de uma maneira otimista de se ver o país e suas origens. É a impressão que se colhe de parte da leitura do livro. No entanto, controvérsias à parte, ele é, na verdade, uma obra amadurecida durante 30 anos, contendo as ambições que seriam comuns em obras do gênero. Afinal, trata-se de um poderoso retrato do Brasil desde o início da colonização. Embora seja cedo para avaliar

a extensão de seu impacto, a obra poderá figurar entre aquelas necessárias para se entender a gênese brasileira, como "Formação do Brasil Contemporâneo", de Caio Prado Júnior, "Casa Grande & Senzala", de Gilberto Freire, e "Raízes do Brasil", de Sérgio Buarque de Holanda.

"O Brasil e os brasileiros, sua gestação como povo, a partir do entrechoque e do caldeamento do invasor português." Este o propósito básico do livro. É um caminho que se inicia com a Revolução Mercantil e chega ao momento atual da intensa urbanização brasileira. Sem falar nos seus antecedentes, é claro. À parte a eficiência do Conselho Ultramarino de Portugal, havia na época dos Descobrimentos um outro poderoso centro coordenador internacional. Antes mesmo do "achamento" do Brasil, a Igreja estabeleceu normas básicas para a ação colonizadora. A bula *Romanus Pontifex* (1454), do Papa Nicolau V, concedia ao rei Afonso "plena e livre faculdade, entre outras, de invadir, conquistar, subjugar a quaisquer sarracenos e pagãos inimigos, suas terras e bens, a todos reduzir à servidão e tudo praticar em utilidade própria e dos seus descendentes". Foi o pressuposto básico para que se pudesse, depois, sacramentar a guerra de extermínio e a brutalidade da conquista.

**Em nome da "piedade cristã", e com aval do Papa, Portugal liquidou dois milhões de índios, em 30 anos**

"O império ibérico", segundo Darcy, "prometia que, à torpeza indígena, faria suceder a prudência e a piedade cristãs, até converter os infiéis servos do demônio em

cristãos”. O testemunho do Padre Antônio Vieira, em 1652, dá bem a medida dessa piedade: “E toda aquela gente se acabou ou nós a acabamos; em pouco mais de 30 anos, eram mortos dos ditos índios mais de dois milhões”. Justamente eles, que só puderam assimilar o espanto da chegada dos europeus através de uma visão mítica, de uma compreensão verdadeiramente religiosa. Tratava-se, para eles, de gente enviada pelo deus sol, o criador, Maíra, que vinha milagrosamente pelas águas do mar.

**“Nunca fui marxista”, diz o autor. Mas frisa: por trás dos dramas nacionais está a luta de classes**

Talvez numa tentativa de tornar mais literário o seu texto, mais próximo da paixão, é que Darcy Ribeiro, neste enfrentamento entre dois mundos, expõe, algumas vezes, um estilo discutível, como quando se refere à “indiada louçã, de encher os olhos só pelo prazer de vê-los, aos homens e às mulheres, com seus corpos em flor”. Mas não será por isto que o livro deixará de ser indispensável para se entender o Brasil, ainda que contaminado pela visão política do autor, uma questão que insiste em deixar clara. Ele diz que o Brasil não pode ser compreendido por teorias eurocêntricas. O país precisa de uma outra explicação. Darcy arrola entre as explicações impróprias aquelas com base em Marx e Engels. Ele já disse: “Nunca fui marxista mas um consumidor de Marx”. Mostra, assim, de que lado está, no grande

leque do que se considera a esquerda brasileira. No entanto, reconhece que um dos conflitos básicos da formação nacional foi fundamentalmente classista, entre os proprietários de terra e dos bens de produção e as massas trabalhadoras: “Canudos é um bom exemplo dessa classe de enfrentamentos”.

Um dos possíveis resumos de “O Povo Brasileiro” seria este: um painel de nossas raízes ibéricas, da cultura dos índios, de seu extermínio e assimilação parcial, e do fenômeno da escravidão negra e a sua interação no contexto cultural do país em formação. E nesse contexto, o autor reconhece, eventualmente, as virtudes de certos empreendimentos portugueses. O engenho de açúcar foi o primeiro tipo de empresa agroindustrial de exportação e “uma das matrizes do modo de ser brasileiro”.

O espaço de tempo entre os primeiros enfrentamentos entre brancos e índios e o início do comércio de escravos foi muito curto. Já por volta de 1540 começariam a chegar os negros. Essa importação de gente somaria 6,3 milhões de pessoas até 1860. Levando em conta que entraram no Brasil, em um século, cerca de 4,5 milhões de imigrantes europeus, é de se imaginar a importância que a presença dos negros deveria ter tido no país, não fosse a política de exclusão a que continuam sendo submetidos até os dias de hoje. Contrapondo-se à propalada democracia racial de Gilberto Freyre, Darcy Ribeiro dá a chave desse amordaçamento cultural: o assimilacionismo. “É preciso reconhecer que o *apartheid* tem conteúdos de tolerância que aqui se ignoram.

**Não há “democracia racial”. Elite recorreu ao assimilacionismo, prática pior que o “apartheid”**

“Quem afasta o alterno, admite que ele conserve, lá longe, sua identidade. (...) Nas conjunturas assimilacionistas, ao contrário, se dilui a negritude numa vasta escala de gradações que quebra a solidariedade, reduz a combatividade, insinuando a idéia de que

a ordem social é uma ordem natural, senão sagrada”. O assimilacionismo dá uma falsa imagem de sociabilidade, quando, na verdade, “desarma o negro para lutar contra a pobreza que lhe é imposta”. Darcy acrescenta que “a Revolução Cubana veio demonstrar que os negros estão muito mais preparados do que se pode supor para ascender socialmente”. Quanto a Cuba, tudo bem; o verbo supor é que é, no caso, problemático.

Pela leitura do livro, pode se compreender o Brasil a partir do fato de ter sido em seus fundamentos regido nos moldes de uma feitoria escravista na qual os interesses e aspirações do povo jamais foram levados em conta. A primazia do lucro gerou um sistema econômico acionado pelas exigências do mercado externo, com uma força de trabalho “afundada no atraso, sem qualquer atenção para com as suas condições de existência”. Como resultado, coexistiram sempre a prosperidade empresarial ao lado da penúria generalizada. Por aí se conclui que o país continua fundamentalmente o mesmo.

“Poucas décadas depois da invasão, já se havia formado uma protocélula étnica neobrasileira diferenciada tanto da portuguesa como das indígenas, diz Darcy” Ela “é que iria modelar a vida socio-cultural das ilhas-Brasil”. A partir da protocélula, “surgiram as variantes da cultura brasileira tradicional”: as culturas crioula, caipira, sertaneja, cabocla e gaúcha.

“A massa de caboclos e mulatos, lusitanizados pela língua e pela visão, foram plasmando a etnia brasileira e promovendo sua integração na forma de um Estado-Nação, que estava já maduro quando recebe grandes contingentes de imigrantes europeus e japoneses, o que possibilitou ir assimilando todos eles na condição de brasileiros genéricos.”

É neste ponto que o livro poderá deixar arregalados os olhos daqueles que assistiram por dentro a assimilação recíproca entre os novos estrangeiros e a população aqui já estabelecida. Os que puderam testemunhar o cosmopolitismo de certas correntes, a dos italianos entre elas, se sentirão certa-

mente frustrados com a relativização da importância conferida à grande epopéia da imigração. Esse movimento épico resultou, à parte a questão sócio-econômica, numa contribuição inestimável para cultura do país.

**Tradição de feitoria escravista se mantém: ao lado da miséria do povo, a opulência empresarial**

O pior é que, no caso, as apreciações contidas em “O Povo Brasileiro” não estão isentas de preconceitos. Os árabes, apesar de terem se “integrado rapidamente na vida brasileira” e serem “os imigrantes mais exitosos”, ganham como prêmio a observação: “Até esquecem de onde vieram e de sua condição miserável em seus países de origem. Cegos para o fato de que seu êxito se explica, em grande parte, pelo desgarramento que faz com que eles vejam e atuem sobre a sociedade local armados de preconceitos e incapazes de qualquer solidariedade, desligados de qualquer lealdade de obrigações familiares e sociais, para só se concentrarem no esforço de enriquecer. A atitude desses imigrantes é freqüentemente de desprezo e incompreensão. Sua tendência é considerar que os brasileiros pobres são responsáveis pela sua pobreza e que o fator racial é que afunda na miséria os descendentes de índios e negros.”

Ainda que atitudes isoladas de intolerância existam, é desconcertante defrontar-se com tal afirmação em uma obra tão rica de informações necessárias à compreensão da formação do Brasil. Mais desconcertante ainda, se for levado em conta que esse mesmo autor é uma personalidade brasileira fundamental, dessas que expuseram ruidosamente seus carismas, não se limitaram aos gabinetes e mergulharam fundo, de corpo e alma, na realidade brasileira.

**SÍLVIO FIORANI, ESCRITOR E JORNALISTA. AUTOR DOS ROMANCES O EVANGELHO SEGUNDO JUDAS E ENTRE OS REINOS DE GOG E MAGOG, ENTRE OUTROS**



REPRODUÇÃO/AE

**Assimilacionismo: o branco tenta diluir a negritude, e insinua que a desigualdade é natural, ou mesmo sagrada**



ANTÔNIO BATALHA/FOLHA IMAGEM

# BRASIL AGORA

## COMPORTAMENTO GAYS E LÉSBICAS

# EM BUSCA DE UMA POSIÇÃO

**Um encontro de projeção mundial debate, no Rio, os avanços e dilemas da luta dos homossexuais**

**O** Rio de Janeiro sediará, entre 18 e 25 de junho, a VII Conferência Anual da ILGA — sigla em inglês da Associação Internacional de Lésbicas e Gays. Reunida pela primeira vez no Brasil, a ILGA debaterá temas relativos à religião, leis anti-discriminação, AIDS, educação, mídia e outros. O encontro promete ser polêmico. Também estará em pauta a posição das organizações homossexuais diante da ONU, que lhes abre espaços, mas espera apoio ou convivência diante das políticas neoliberais.

A ILGA surgiu em 1978 com o objetivo de lutar pela igualdade de direitos para os homossexuais masculinos e femininos. Conta hoje com mais de 450 entidades filiadas, em todos continentes. Mais de sessenta países têm representação e os grupos associados variam de pequenos coletivos a comissões nacionais. Através de campanhas internacionais, a associação denuncia políticas de discriminação contra gays e lésbicas, e tem alcançado vitórias importantes. Várias nações, entre elas Rússia, Irlanda e Nova Zelândia, deixaram de enquadrar a homossexualidade como crime. A pressão diplomática e o trabalho com a mídia internacional feitas pelas secretarias da ILGA já garantiram, inclusive, mudanças na política de imigração norte-americana.

O evento deste ano acontecerá no Salão de Convenções do Rio Palace, em Copacabana. A organização geral ficou a cargo dos grupos da cidade que está sediando o encontro. Gays e lésbicas cariocas estão cuidando de todos os deta-



CARLOS CHICORINO/AE

**Gays e lésbicas conquistam, pouco a pouco, o direito de debater — e expor — sua sexualidade. Que atitude o movimento adotará diante de ameaças graves, como o avanço das políticas neoliberais?**

lhes relativos à programação geral, hospedagem, alimentação, manifestações culturais e/ou alternativas e, principalmente, captação de recursos. Mil e duzentas pessoas são esperadas para a abertura. A deputada federal Marta Suplicy (PT-SP) e o cantor Renato Russo são os convidados de honra. Antes das falações, ainda na abertura, o militante Raimundo Pereira, do grupo Atobá (RJ), cantará as Bachianas (de Heitor Villa Lobos) vestido de Lampião.

**A luta derrubou as leis que condenavam homossexualismo na Rússia, Irlanda, Nova Zelândia...**

Durante a conferência, vários temas serão debatidos e a maioria estará sob a coordenação de brasileiros. Temas considerados tabus e divisores de águas no próprio

movimento também terão seus lugares reservados, como a questão do contrato de união civil — duramente atacado durante as eleições passadas até mesmo por setores da coordenação da campanha Lula.

São tantos assuntos importantes a serem discutidos num espaço curto de tempo que haverá inúmeros debates paralelos. Oficinas e painéis tratarão de temas como “O Feminismo e as Lésbicas”, “Homossexualidade e Religião” e “Homofobia e Direitos Humanos”.

Um assunto considerado delicado e polêmico pela direção da Associação são as políticas da ILGA junto a Organização das Nações Unidas. O tema será debatido num painel coordenado por Douglas Sander. A ILGA é membro de um Conselho de Políticas Econômicas e Sociais da ONU e pretende garantir o assento. O problema é que, para isso, está sendo

obrigada a expulsar de suas fileiras os grupos pedófilos (defendem o amor com pessoas menores de idade), considerados pela ONU como um desrespeito às culturas de todos os povos. Segundo alguns membros brasileiros da Associação, a expulsão soa como uma barganha injusta.

A discussão sobre a expulsão ou não é uma oportunidade de colocar o movimento de frente com suas contradições, neste caso geradas por uma disputa de cargos em outra organização. Analisando a situação pelo ponto de vista social, um lugar em qualquer conselho da ONU pode significar muito em termos de estratégia, articulação e pressão diplomática. Se o ponto de vista é político, será preciso considerar que organismos da ONU, como o Conselho de Segurança, têm apoiado ações militares contra a soberania dos povos, e que

nos últimos anos a instituição associou-se a outras, como o FMI e o Banco Mundial na defesa de programas neoliberais que resultam em aumento das desigualdades e da opressão — inclusive de homossexuais. Chegar a um acordo é difícil, se as partes têm interesses muito diferentes.

A conferência terminará no domingo (26/6) com uma passeata chamada de “Marcha pela Cidadania Plena de Gays e Lésbicas”. A organização já contabiliza algumas alas que prometem fazer e acontecer. As dos artistas e de pais e mães de homossexuais darão o que falar na imprensa, ainda mais se embalados ao som de ritmistas de algumas escolas de samba cariocas.

**Debates simultâneos tratarão de temas como religião, feminismo, direitos humanos e uniões civis**

Na verdade, o Rio de Janeiro acabará por explodir de tanto evento no mês de junho. Paralelamente ao encontro, acontecerá a 1ª Olimpíada Homossexual do Brasil, com a presença de vários atletas do mundo inteiro. Do dia 13 à 16 acontecerá o III Encontro Nacional de Travestis e Liberados, que terminará com uma passeata pela avenida Rio Branco. Entre os dias 14 e 18 estará ocorrendo o I Encontro Nacional de Anarcopunks. Nos dias 23 e 24 é a vez das mulheres do PT. Logo após a conferência, nos dias 26 e 27, a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis fará uma reunião para definir os rumos do movimento e discutir algumas estratégias para implementação das políticas tiradas na VII Conferência da ILGA. Tudo isso sem contar com a mostra de filmes homossexuais feita pelo pessoal do Mix Brasil e com a “ferveção” nas discotecas cariocas. Segundo o militante Cláudio Nascimento, “isso ajuda muito, pois a comunidade começa a ver os homossexuais como pessoas que participam, em todos os níveis, da vida cotidiana e lutam para transformar esta sociedade”.

A VII Conferência promete muito mais. Resta torcer para que não se transforme em apenas mais um evento internacional, como foi a ECO-92, na qual as crianças de rua eram tiradas da “cidade maravilhosa” e despejadas (literalmente) nas ruas de Niterói. Essas são as contradições que o movimento tem que aprender a denunciar, depois de enfrentá-las, obviamente. De preferência, do lado certo da barricada.

**WILLIAM AGUIAR**